
CORPOS EM FRONTEIRA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA YANOMAMI ATRAVÉS DO CORPO E AS INFLUÊNCIAS MISSIONÁRIAS NO ALTO RIO NEGRO ¹

BODIES IN FRONTIER: THE CONSTRUCTION OF YANOMAMI ETHNIC IDENTITY THROUGH THE BODY AND MISSIONARY INFLUENCES IN THE UPPER RIO NEGRO

CUERPOS EN FRONTERA: LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD ÉTNICA YANOMAMI A TRAVÉS DEL CUERPO Y LAS INFLUENCIAS MISIONERAS EN ALTO RÍO NEGRO

Artemis de Araújo Soares²

<http://lattes.cnpq.br/0487210816377783>
<https://orcid.org/0000-0002-9678-2937>

Caio Augusto Teixeira Souto³

<http://lattes.cnpq.br/3331693841423923>
<https://orcid.org/0000-0001-5736-2262>

José Gil Vicente⁴

<http://lattes.cnpq.br/8293479624572875>
<https://orcid.org/0000-0003-3074-7028>

Gisele Giandoni Wolkoff⁵

<http://lattes.cnpq.br/4530644741441254>
<https://orcid.org/0000-0001-8962-5215>

Tiago da Silva Jacaúna⁶

<http://lattes.cnpq.br/1546930090065600>
<https://orcid.org/0000-0001-7248-2940>

¹ Agradecemos à FAPEAM, à CAPES, ao CNPq e à UFAM.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura no Amazonas (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutora em Ciências do Desporto (Universidade de Porto). E-mail: artemissoares@yahoo.com.br.

³ Coordenador do Programas de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura no Amazonas (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutor em Filosofia (UFSCAR). E-mail: caiosouto@ufam.edu.br

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura no Amazonas (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutor em Sociologia e Direito (UFF). E-mail: jgilvicente@ufam.edu.br.

⁵ Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura no Amazonas (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (USP). E-mail: gwolkoff@id.uff.br.

⁶ Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura no Amazonas (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP). E-mail: tiagojacauna@ufam.edu.br.

RESUMO: Este artigo investiga as dinâmicas de identidade e resistência entre os Yanomami dos rios Maturacá e Marauíá, no Alto Rio Negro, explorando como o corpo emerge como uma fronteira cultural em contextos de contato com missões religiosas. Embora as influências missionárias variem sutilmente entre os Yanomami habitantes das calhas dos dois rios, são desenvolvidas estratégias de negociação cultural que se refletem em certas práticas corporais. A partir de uma abordagem interdisciplinar, o estudo destaca o corpo como espaço de confronto e resistência, evidenciando as maneiras pelas quais a comunidade ressignifica a presença napë (não-yanomami) e se afirma enquanto resistência cultural, transcendendo os conflitos presentes nos espaços fronteiriços, e ressignificando identificações.

Palavras-Chave: Yanomami; Corpo; Fronteiras; Transculturalidade.

ABSTRACT: This article investigates the dynamics of identity and resistance among the Yanomami of the Maturacá and Marauíá rivers, in the Upper Rio Negro, as it explores how the body emerges as a cultural border in contexts of contact with religious missions. Although missionary influences vary subtly among the Yanomami inhabitants of the two river channels, cultural negotiation strategies are developed and these reflect upon certain bodily practices. Making use of an interdisciplinary approach, this study highlights the body as a space of confrontation and resistance, highlighting the ways in which the community reframes the Napë (non-Yanomami) presence and asserts itself as cultural resistance, thus, transcending the frontierial spaces of conflict, as it ressignifies identifications.

Keywords: Yanomami; Body; Boundaries; Transculturality.

RESUMEN: Este artículo investiga las dinámicas de identidad y resistencia entre los Yanomami de los ríos Maturacá y Marauíá, en el Alto Río Negro, explorando cómo el cuerpo emerge como una frontera cultural en contextos de contacto con misiones religiosas. Aunque las influencias misioneras varían sutilmente entre los Yanomami que habitan las cuencas de los dos ríos, se desarrollan estrategias de negociación cultural que se reflejan en ciertas prácticas corporales. A partir de un enfoque interdisciplinario, el estudio destaca el cuerpo como espacio de confrontación y resistencia, evidenciando las formas en que la comunidad ressignifica la presencia napë (no yanomami) y se afirma como resistencia cultural, trascendiendo los conflictos presentes en los espacios fronterizos y ressignificando identificaciones.

Palabras-Clave: Yanomami; Cuerpo; Fronteras; Transculturalidad.

INTRODUÇÃO

Nas margens dos rios Marauíá e Maturacá, no Alto Rio Negro, a identidade Yanomami se redefine continuamente em um território de interação e resistência, onde o corpo atua como uma fronteira cultural permeável e dinâmica. Esse contexto de contato com missões religiosas – que ora sutilmente, ora de modo intenso, alteram práticas e percepções locais – revela-se fundamental para a compreensão das identidades yanomami, as quais se moldam continuamente a partir de experiências de fronteira e trocas com o mundo *napë*⁷. A análise do corpo Yanomami como espaço simbólico e físico de resistência possibilita compreender como estratégias de negociação cultural são mobilizadas, refletindo a adaptação e a ressignificação de tradições em um cenário de mudanças. Para explorar essa temática, este estudo incorpora as perspectivas teóricas de Fredrik Barth (1969) e David Le Breton (2006, 2011).

Barth (1969) nos auxilia a entender a identidade étnica como um processo de construção ativa e de fronteiras, onde a alteridade não é apenas imposta, mas também adaptada, reinterpretada e incorporada. Complementando essa abordagem, Pacheco de Oliveira (1999, 2004) contribui para a análise das dinâmicas de negociação que perpassam o contato entre o mundo indígena e as influências externas, enquanto Le Breton (2006, 2011) acrescenta a este estudo sua concepção do corpo como experiência cultural e espaço de resistência. Esta tríade teórica permite uma abordagem interdisciplinar que destaca o corpo Yanomami como um “lugar” onde se confrontam, coexistem e ressignificam influências diversas, sejam elas missionárias, estatais ou urbanas. O objetivo deste artigo é, pois, investigar as dinâmicas de identidade e resistência entre os Yanomami do Alto Rio Negro, com foco nas práticas corporais e nas maneiras pelas quais o corpo se torna um espaço de negociação cultural. A partir de uma análise das práticas cotidianas e rituais dos Yanomami, buscamos compreender como o corpo atua como uma fronteira viva que, ao absorver e reinterpretar elementos da cultura do *napë*, fortalece a coesão cultural Yanomami e afirma seu poder de resistência e adaptação em um contexto de contato e transformação.

IDENTIDADE E FRONTEIRAS ÉTNICAS

A compreensão das identidades étnicas e das fronteiras culturais proposta por Fredrik Barth revolucionou o modo como enxergamos o pertencimento étnico, afastando-se da ideia de

⁷ Os termos *napë* (singular) e *napëpë* (plural) definem os não-yanomami.

identidades fixas e essencialistas (Eriksen, 2010). Em *Ethnic Groups and Boundaries* (1969), Barth argumenta que a etnicidade é uma construção dinâmica, resultado de interações e processos sociais contínuos. Segundo ele, as identidades étnicas não são definidas por um conteúdo cultural intrínseco, mas, sim, pelas fronteiras que delimitam a pertença e a diferença. Estas fronteiras, longe de serem barreiras imutáveis, são práticas sociais permeáveis e ativas, onde se realiza um constante processo de negociação identitária e de reconhecimento mútuo entre os grupos. Essa perspectiva nos leva a entender que as fronteiras étnicas são, na verdade, moldadas e remoldadas conforme os contextos de contato, tornando-se espaços onde as identidades são afirmadas, negociadas ou, em alguns casos, transformadas. Para Barth, a fronteira é um “limite fluido” que separa, mas também permite o intercâmbio entre grupos, o que implica que a identidade étnica é um processo contínuo, construído e reforçado nas interações sociais e culturais. Ao colocar as fronteiras no centro do conceito de etnicidade, Barth desloca o foco das diferenças culturais para as dinâmicas que definem o “nós” e o “outro”, abrindo espaço para uma análise mais detalhada de como as identidades são negociadas nos encontros entre culturas distintas.

No caso dos Yanomami (Albert & Ramos, 2002), o corpo pode ser interpretado como essa fronteira cultural, um espaço onde os códigos culturais e identitários são mantidos, redefinidos e adaptados de acordo com as necessidades e contextos de interação. Em seu contato com o mundo *napë*, particularmente com as missões religiosas, os Yanomami não apenas enfrentam influências externas, mas também mobilizam estratégias de resistência e adaptação que reforçam sua identidade étnica. Ao incorporar certos elementos *napë* – como vestimentas, práticas de saúde e educação formal – os Yanomami ressignificam esses elementos dentro de sua própria lógica cultural, mantendo-se distintos ao utilizá-los de maneira seletiva e simbólica.

Desse modo, o corpo Yanomami se torna um “território de fronteira”, onde a negociação identitária ocorre de forma visível. Tal como nas fronteiras barthianas, o corpo Yanomami reflete uma constante troca entre o que é absorvido do *napë* e o que é ressignificado, estabelecendo um equilíbrio entre adaptação e reconstituição identitária. É nesse corpo-fronteira que o processo de ressignificação cultural se manifesta, permitindo que as influências externas sejam reapropriadas sem comprometer a identidade étnica do grupo (Gonçalves, 2019, 2023).

David Le Breton (2006, 2011) concebe o corpo como mais do que uma entidade biológica; ele o interpreta como uma construção cultural, onde se materializam e se

experienciam as significações e práticas sociais de uma comunidade. Para Le Breton, o corpo é um “lugar” de inscrição social, onde os valores, as crenças e as práticas de um grupo se concretizam, transformando-o em um “texto” que comunica significados culturais. Essa abordagem sugere que o corpo é moldado e molda a experiência vivida, funcionando como uma fronteira que absorve, resiste e reflete as influências externas. Ele se torna, assim, um espaço de experiências e de interações, onde o social e o individual se entrelaçam, revelando a identidade e a alteridade do grupo ao qual pertence. Entre os Yanomami (Albert, 1992), o corpo se apresenta como um espaço onde as experiências de fronteira se cristalizam, especialmente em seu contato com o mundo *napë* (não-yanomami). Este corpo-fronteira não se limita a representar a biologia, mas é onde se situam e se expressam as relações com o “outro”, configurando uma identidade que resiste e se adapta conforme as influências culturais e religiosas exercidas pelas missões no Alto Rio Negro. Por meio de adornos, pinturas, práticas corporais e rituais, o corpo Yanomami expressa uma forma de vida distinta, carregada de significados próprios que se mantêm frente às mudanças introduzidas pelos *napëpe*.

Esses símbolos corporais, reinterpretados no encontro com o mundo exterior, tornam-se uma linguagem de resistência e adaptação cultural. Assim, o corpo Yanomami opera como um “texto vivo” que se modifica sem perder sua essência, onde as práticas externas são absorvidas e ressignificadas. Em seu contato com as missões religiosas, práticas como o uso de roupas ou a adoção de cuidados de saúde são reinterpretadas, ganhando novas funções e sentidos dentro da lógica Yanomami, sem anular suas práticas tradicionais. Esse corpo-texto, portanto, não apenas integra, mas seleciona e adapta as influências externas, resistindo à homogeneização e afirmando a identidade Yanomami em cada prática, gesto e marca visível. A partir dessa perspectiva, o corpo não é apenas uma interface com o mundo, mas um elemento ativo na construção e na afirmação de uma identidade coletiva em constante interação com o “outro”.

A presença missionária no Alto Rio Negro remonta ao início do século XX, com a chegada de ordens religiosas que buscavam catequizar e integrar as populações indígenas ao universo cultural e religioso ocidental. As missões se estabeleceram em diferentes pontos da região, incluindo as margens dos rios Marauíá e Maturacá. Desde então, as missões exercem influência não apenas nas práticas religiosas, mas também em aspectos culturais, educacionais e de saúde, trazendo consigo o contato direto com a cultura *napë* (não-yanomami). Essas missões diferem em intensidade e propósito em cada um dos rios. Enquanto em algumas áreas

a presença missionária é mais sutil e o contato ocorre de forma mais pontual, em outras, a intervenção é mais intensa, introduzindo práticas e valores *napë* que acabam por impactar aspectos significativos da vida cotidiana Yanomami.

Nos rios Maraujá e Maturacá, essa interação se manifesta por meio de uma mistura de adaptação e resistência, onde os Yanomami ora absorvem, ora reinterpretem os valores e práticas introduzidos pelas missões. Relatos etnográficos indicam que os missionários, ao introduzirem práticas de educação formal, transformam o modo como o conhecimento é transmitido entre os Yanomami. A educação, que tradicionalmente ocorre por meio da vivência comunitária e do aprendizado direto nas práticas culturais, passa a incorporar elementos escolares que, em alguns casos, tensionam as práticas de ensino Yanomami.

Além disso, as missões introduzem práticas de saúde alopática e biomedicina, que contrastam com os métodos tradicionais Yanomami de cura e cuidado com o corpo, baseados em uma cosmologia própria. Essas práticas de saúde também impactam o modo como o corpo Yanomami é compreendido e cuidado (Buchillet, 1995), frequentemente levando a um processo de negociação e adaptação. Essas dinâmicas de contato refletem-se no corpo Yanomami, que se torna o campo de confronto dessas influências. A incorporação seletiva de elementos introduzidos pelas missões, como vestimentas e normas de conduta, revela como os Yanomami se apropriam dos códigos externos sem abdicar de sua identidade (Costa, 2012). As práticas de corporificação – sejam elas de cura, ornamentação ou movimento – ilustram a forma como os Yanomami negociam e ressignificam as influências missionárias, mantendo o corpo como um símbolo vivo de sua resistência e continuidade cultural.

PRÁTICAS CORPORAIS COMO EXPERIÊNCIA DE RESISTÊNCIA

Entre os Yanomami, adornos e pinturas corporais ocupam um papel central como práticas de identidade e de expressão cultural. Esses elementos visíveis, além de sua beleza estética, carregam significados profundos para a coletividade, funcionando como marcas de pertencimento e de experiência compartilhada. Em um contexto em que o contato com os *napëpë* (não-yanomami) e as missões religiosas introduz novas formas de expressão corporal, a manutenção dos adornos e das pinturas Yanomami surge como uma afirmação ativa de identidade e de resistência cultural. David Le Breton vê o corpo como uma “inscrição social”, um espaço onde os significados culturais são representados, inscritos e lidos pela sociedade. Nessa perspectiva, o corpo não é neutro, mas uma tela de expressão onde se revela a essência

do grupo e o indivíduo se inscreve em seu meio cultural. Os Yanomami fazem do corpo um “texto” cultural ao cobri-lo com adornos específicos, pinturas e outros símbolos de sua cosmologia e de suas práticas rituais. Essa “inscrição social” é uma linguagem que estabelece uma barreira visível e simbólica frente ao mundo *napë*, demarcando as fronteiras culturais que distinguem o “nós” do “outro”. Pinturas e adornos Yanomami, portanto, funcionam como práticas de fronteira, tanto na acepção barthiana de um limite cultural que define a identidade quanto na leitura de Le Breton sobre o corpo como espaço de inscrição e resistência. Essas práticas reafirmam a identidade Yanomami e o modo como eles se veem no mundo, ao mesmo tempo em que contrastam com as influências *napë*, estabelecendo uma fronteira visual entre o ser Yanomami e o ser *napë*. Cada traço, cor e acessório conta uma história de pertencimento e transmite uma narrativa de continuidade cultural, refletindo uma prática que não é meramente decorativa, mas, antes, uma afirmação viva de resistência e coesão. Esses adornos e pinturas, então, tornam-se ferramentas de negociação cultural. Ao mesmo tempo em que os Yanomami resistem à assimilação completa dos valores e práticas *napë*, eles encontram maneiras de manter viva sua tradição, simbolizada e representada no corpo. A cada pintura ou adorno, o corpo Yanomami resiste, reafirma-se e transmite uma identidade coletiva que permanece forte mesmo diante das influências missionárias e das mudanças sociais.

A presença missionária no Alto Rio Negro introduziu elementos culturais externos que impactaram diretamente as práticas corporais dos Yanomami, incluindo o uso de vestimentas e a adoção de novas posturas corporais em contextos de contato com o mundo *napë* (Smiljanic, 2002). A vestimenta, especialmente, funciona como uma interface de contato, permitindo que os Yanomami naveguem em espaços *napë* com um grau de adaptação visível sem, no entanto, perderem o sentido de sua identidade cultural. Esse uso adaptativo das vestimentas *napë* reflete uma prática estratégica, onde o corpo Yanomami encontra uma maneira de se situar entre o seu mundo e o externo. David Le Breton, em sua teoria da “corporificação da cultura”, observa que o corpo é um veículo através do qual a cultura se manifesta e se adapta. Entre os Yanomami, a incorporação seletiva de elementos *napë* – como roupas e padrões de comportamento – não implica, necessariamente, a assimilação completa dos valores externos, mas uma maneira de interagir com o mundo *napë* mantendo a coesão de sua própria identidade cultural.

A adoção de vestimentas, por exemplo, permite que os Yanomami entrem em espaços dominados pelo *napë* de forma mais aceitável socialmente, mas sem perderem de vista suas práticas e crenças tradicionais. Dessa forma, a vestimenta se torna um recurso de “negociação

cultural”, um artifício para lidar com a influência missionária e com os códigos *napë*. Embora alguns elementos *napë* sejam incorporados, o corpo Yanomami continua a ser experienciado e interpretado dentro de uma lógica própria, conforme os significados tradicionais. Mesmo ao se vestir de maneira similar aos *napëpë*, os Yanomami mantêm uma postura e um modo de ser que revelam seu pertencimento e sua autonomia cultural.

A experiência de ser Yanomami, em outras palavras, permanece enraizada na cosmologia e nas práticas comunitárias, onde a adoção de certas práticas externas é ressignificada e integrada de maneira seletiva, servindo mais como uma “camada” do que como uma transformação essencial. Assim, o corpo Yanomami torna-se um espaço de adaptação e resistência simultâneas. Ao adotarem práticas externas, como o uso de roupas e a postura em contextos de contato com os *napëpë*, os Yanomami não abdicam de sua identidade, mas utilizam essas práticas como ferramentas para interagir e se mover entre as fronteiras culturais. Esse processo reflete a flexibilidade e a resiliência do corpo Yanomami, que, ao corporificar elementos *napë*, reconstitui seu sentido de pertencimento étnico.

No universo Yanomami, o corpo não é apenas uma entidade física; ele assume um papel essencial como meio de ligação com o sagrado e com as forças espirituais que regem a vida e o cotidiano. A cosmologia Yanomami reconhece o corpo como um canal para o contato com os *hekura* (espíritos), entidades espirituais que habitam a natureza e com as quais os Yanomami estabelecem uma relação profunda e contínua. Essa conexão espiritual transforma o corpo em um veículo de transcendência, através do qual se vivenciam as interações entre o mundo material e o espiritual. Essa concepção se alinha à visão de David Le Breton, que interpreta o corpo como espaço de transcendência e de expressão de uma realidade mais ampla, onde se concretizam valores e significados que ultrapassam o indivíduo. A relação dos Yanomami com os *hekura* envolve práticas corporais e rituais que reforçam a posição do corpo como um canal de comunicação entre mundos.

O corpo, nesse contexto, não apenas experimenta o espiritual, mas se transforma e se molda a partir dele. A pintura, o uso de plantas específicas, o canto e a dança ritualística são modos de preparar o corpo para acolher e dialogar com os *hekura* (Kopenawa & Albert, 2015), assegurando proteção e bem-estar à comunidade. Essas práticas fortalecem a identidade Yanomami ao reafirmarem o corpo como território sagrado e símbolo de uma realidade que os distingue do mundo *napë* (não-yanomami). No contato com as missões religiosas, essa relação espiritual manifesta-se como uma forma de resistência às influências externas. Além disso, o corpo Yanomami funciona como um território simbólico que mantém

a integridade espiritual e social da comunidade diante das pressões externas. Mesmo com as tentativas de conversão e os esforços das missões em introduzir uma nova perspectiva religiosa, o corpo Yanomami, em sua interação com os hekura, torna-se uma espécie de resistência encarnada. Ele guarda e representa a continuidade de uma espiritualidade que não pode ser totalmente assimilada pelos códigos napë. A cada ritual, o corpo se afirma como um espaço inviolável de transcendência e espiritualidade, reafirmando a relação profunda entre os Yanomami e o seu ambiente, mesmo sob o impacto das intervenções missionárias.

Dessa forma, o corpo Yanomami consolida-se como um território onde se cruzam o sagrado e o profano, o tradicional e o contemporâneo. Ao manter sua integridade espiritual frente às influências externas, o corpo se torna um testemunho vivo da resistência Yanomami e da persistência de sua cosmologia. Essa resistência não é apenas uma resposta às intervenções, mas um processo contínuo de renovação e fortalecimento da identidade coletiva, onde o corpo representa o elo indissociável entre os Yanomami e o mundo espiritual que define sua visão e prática de vida.

PRÁTICAS EDUCACIONAIS E O CORPO COMO VEÍCULO DE CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE

A introdução da educação formal pelas missões religiosas no Alto Rio Negro trouxe impactos significativos para as comunidades Yanomami, especialmente no que diz respeito ao modo como os corpos Yanomami são moldados e percebidos nesses novos contextos de aprendizagem. O sistema educativo introduzido pelos *napë* (não-yanomami) nas missões, orientado pela escrita e pela estrutura disciplinar, contrasta fortemente com a forma como o aprendizado tradicional Yanomami ocorre, pautado pela observação, pela vivência e pela participação direta nas atividades da comunidade. Esse contato com a educação formal implica uma ressignificação das práticas corporais, pois os Yanomami se veem inseridos em práticas e posturas que refletem expectativas e normas externas. Segundo David Le Breton, o corpo pode ser entendido como uma “territorialidade vivida”, um espaço onde se expressam as experiências culturais e sociais do indivíduo e do grupo.

Para os Yanomami, essa territorialidade é influenciada pelos códigos corporais de seu próprio universo cultural, que envolvem gestos, modos de caminhar, trabalhar, caçar, interagir e aprender em harmonia com sua cosmologia e seu ambiente. No contexto das missões, o corpo Yanomami é, então, inserido em um espaço educacional que o disciplina de maneira

distinta e que, ao mesmo tempo, oferece um campo de resistência onde os Yanomami ressignificam as práticas impostas pelas instituições missionárias. A comparação entre as práticas educativas missionárias e Yanomami revela diferenças fundamentais: enquanto a educação formal introduzida pelas missões é baseada na separação entre corpo e mente, com a ênfase no aprendizado teórico, a educação tradicional Yanomami está intrinsecamente ligada ao corpo e ao aprendizado experiencial.

Nos xaponos (casas comunais Yanomami), o aprendizado ocorre em uma dinâmica de integração com o cotidiano e com o meio ambiente, onde o corpo é um veículo direto de conhecimento e de participação na vida social. Assim, mesmo inseridos em uma estrutura de ensino que valoriza a educação formal, os Yanomami ressignificam suas práticas de aprendizagem baseadas no corpo como fonte de conhecimento e expressão cultural. Esse contraste permite observar a maneira pela qual o corpo Yanomami opera como um veículo de identidade e de resistência cultural. Apesar de participarem de atividades educativas das missões, os Yanomami ressignificam a experiência, adotando uma postura crítica e seletiva em relação ao que é aprendido, em suas práticas, a importância do corpo como parte fundamental de sua educação e de sua relação com o mundo. Dessa forma, o corpo Yanomami mantém-se como território de identidade, onde a resistência cultural se manifesta tanto na participação nas práticas tradicionais quanto na adaptação crítica aos sistemas de ensino introduzidos pelas missões.

A introdução da medicina *napë* (não-yanomami), trazida pelas missões religiosas no Alto Rio Negro, gerou impactos significativos nas práticas de saúde e na relação que os Yanomami têm com o corpo e a cura. A medicina ocidental, com sua ênfase na biomedicina e na intervenção alopática, apresenta uma abordagem que muitas vezes ignora a cosmologia Yanomami, onde a saúde é compreendida em profunda conexão com o ambiente e com o mundo espiritual. Essa inserção da medicina *napë* interfere na “corporificação do cuidado” tradicional dos Yanomami, que entendem o corpo não apenas como um objeto de cura, mas como um espaço de experiências e de relações vitais com a natureza e os *hekura* (espíritos). David Le Breton destaca o corpo como um “espaço de vida e resistência”, um território onde se constroem significados próprios e onde a cultura se manifesta de forma plena. Para os Yanomami, essa visão se aplica na medida em que o corpo é visto como um ponto de intersecção entre o físico e o espiritual, onde o cuidado envolve não apenas o tratamento físico, mas também a manutenção de um equilíbrio com os elementos invisíveis que habitam seu cosmos. Diante das práticas biomédicas introduzidas pelas missões, muitas vezes vistas

como invasivas ou desconectadas de sua realidade cultural, os Yanomami desenvolvem formas de resistência, afirmando o valor de suas práticas de cura tradicionais e relembando a importância de sua própria visão de saúde e bem-estar. Essa resistência se manifesta nas estratégias Yanomami de conciliação entre saberes tradicionais e métodos de cura introduzidos. Em vez de uma rejeição completa da biomedicina, os Yanomami mostram uma flexibilidade cultural ao escolher e adaptar práticas externas que podem complementar seu sistema de cuidado sem minar sua cosmologia. Eles adotam uma postura seletiva, utilizando medicamentos ou tratamentos ocidentais em situações específicas, mas ressignificando seus rituais e tratamentos tradicionais que envolvem o uso de plantas, cantos e ritos que chamam a presença dos *hekura*. Essa abordagem cria uma corporeidade híbrida, onde o corpo Yanomami responde tanto aos elementos *napë* quanto à sua própria cosmologia, integrando-os de maneira a manter sua autonomia cultural e espiritual. Portanto, o corpo Yanomami torna-se um espaço de resistência e adaptação, refletindo a capacidade de integrar o novo sem perder o vínculo com o tradicional. Nesse processo, o cuidado do corpo é ao mesmo tempo uma reafirmação da identidade Yanomami e uma demonstração de sua habilidade em ressignificar as influências externas.

Para os Yanomami, a experiência em espaços urbanos representa uma expansão das fronteiras culturais e corporais. Ao adentrarem o mundo urbano, muitas vezes para acessar serviços de saúde, educação ou recursos, os Yanomami enfrentam um ambiente profundamente marcado pela cultura *napë* (não-yanomami), o que exige adaptações no modo como experienciam e expressam seu corpo. Essas adaptações, no entanto, não significam uma perda de identidade, mas sim uma estratégia de ressignificação. Ao interagir com o mundo urbano, o corpo Yanomami passa por um processo de transformação em que, por meio de escolhas práticas e simbólicas, mantém sua essência cultural, mesmo em um ambiente que apresenta códigos e normas distintos dos de seu universo original, processo a que se pode atribuir a transculturalidade (Welsch, 1999).

David Le Breton vê o corpo como um processo de “identidade vivida”, que se adapta e se ressignifica em novos contextos sem perder suas raízes culturais. Para os Yanomami em espaços urbanos, isso se traduz em uma adaptação seletiva dos códigos *napë*, como o uso de vestimentas ocidentais ou a adoção de posturas corporais apropriadas para lidar com serviços e estruturas alheias a seu cotidiano tradicional. Esse processo de resistência, permite que o corpo Yanomami reconstitua sua coesão cultural. Assim, ao mesmo tempo em que adotam certas práticas do mundo urbano, os Yanomami as ressignificam de acordo com sua própria

perspectiva e experiência, transformando o corpo em uma interface que dialoga com o novo sem abdicar da tradição. A experiência urbana, nesse sentido, torna-se uma extensão da prática de resistência cultural. O corpo Yanomami atua como uma fronteira cultural, uma barreira simbólica que protege sua identidade e suas raízes, mesmo quando confrontado com as expectativas do mundo *napë*. A presença física dos Yanomami na cidade, com sua postura distinta e sua maneira de interagir com o ambiente, é um lembrete visível de sua identidade e um símbolo de sua capacidade de resistência. No contexto urbano, o corpo torna-se um símbolo cultural que comunica sua alteridade e, ao mesmo tempo, sua capacidade de adaptação e sobrevivência. Desse modo, a experiência do corpo Yanomami na cidade demonstra a plasticidade cultural que define sua identidade, confirmando que a fronteira cultural não se dissolve com a migração para espaços urbanos. Em vez disso, ela se refaz e se reafirma. A cada gesto e escolha no espaço urbano, o corpo Yanomami continua a ser um testemunho vivo de uma identidade que, mesmo em contato com o mundo *napë*, persiste e se redefine, revelando a resiliência e a profundidade da cultura Yanomami frente aos desafios da modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revelou como o corpo Yanomami atua como uma poderosa fronteira cultural, funcionando como um espaço de resistência e afirmação identitária em meio ao contato com influências externas, especialmente as trazidas pelo mundo *napë*, coadunando assim à prática da transculturalidade. As práticas corporais Yanomami – incluindo adornos, pinturas, posturas, rituais e adaptações urbanas – refletem uma identidade dinâmica que se adapta aos contextos, mas que, ao mesmo tempo, reafirma e ressignifica sua essência cultural. Através dessas práticas, o corpo torna-se uma “territorialidade vivida”, conforme propõe David Le Breton, onde a experiência simbólica e cultural é expressa de forma física e perceptível. As adaptações ao uso de vestimentas, as respostas ao sistema biomédico e a interação em espaços urbanos mostram que o corpo Yanomami se configura como uma fronteira em movimento. Essa fronteira não é estática; ela responde às circunstâncias e aos desafios impostos pelo contato com o mundo externo, sem se deixar absorver completamente por ele. Ao reinterpretar e ressignificar elementos externos, os Yanomami conseguem dialogar com o novo sem renunciar a seus valores tradicionais. Em cada contexto – nas práticas de cura, na educação formal, na vida urbana –, o corpo Yanomami é simultaneamente um espaço

de resistência e de adaptação, uma afirmação de sua singularidade em meio ao contato intercultural.

Assim, o corpo Yanomami emerge como um símbolo da capacidade de manter a coesão cultural diante das transformações e pressões externas. Ao responder a essas influências sem perder sua essência, ele se afirma como uma expressão da resiliência Yanomami, confirmando que as fronteiras culturais são ativas e adaptáveis, mas que ressignificam politicamente sua identidade comunitária. Essa visão nos leva a refletir sobre o papel do corpo como um território de resistência cultural, onde tradição e adaptação coexistem e se renovam a cada interação, mais particularmente no encontro de culturas que se influenciam e interferem uma na outra. As análises aqui apresentadas evidenciam o corpo Yanomami como um espaço de fronteira onde a identidade étnica se constrói de maneira ativa e experiencial, revelando a complexidade dos processos de adaptação e resistência cultural. Ao unir as contribuições teóricas de Fredrik Barth, Wolfgang Welsch e David Le Breton, compreendemos o corpo Yanomami como uma manifestação de identidade em constante negociação. Barth nos permite ver a fronteira como um espaço dinâmico de interação, onde a identidade étnica não se define por conteúdos fixos, mas por práticas sociais que reafirmam a distinção e o pertencimento. Já Le Breton nos convida a entender o corpo como uma “territorialidade vivida,” uma construção cultural onde se expressam e se ressignificam valores e experiências sociais, e Welsch nos faz repensar as (ultra) passagens dos espaços fronteiros, para além dos conflitos, na orquestração conjugada das diferenças e refazimentos. Com essas perspectivas combinadas, o corpo Yanomami emerge como um testemunho vivo de uma identidade que, embora flexível e adaptativa, permanece enraizada em valores e práticas tradicionais. O estudo também levanta questões sobre a continuidade das dinâmicas identitárias Yanomami em meio às transformações sociais e políticas que atravessam o Alto Rio Negro.

O contato constante com missões religiosas, políticas de saúde e a urbanização exige que os Yanomami enfrentem desafios à sua identidade cultural de maneiras inéditas. No entanto, a capacidade de integrar influências externas sem diluir sua essência revela a resiliência de suas práticas culturais. A presença dos Yanomami em espaços urbanos, sua adaptação às normas de saúde biomédica e a inserção em sistemas educacionais demonstram que, apesar das pressões, as práticas de fronteira cultural mantêm-se vivas, garantindo a continuidade da identidade Yanomami em contextos de intensa mudança. Para estudos futuros, sugerimos aprofundar a análise do corpo e da identidade em contextos indígenas, expandindo as perspectivas de Barth e Le Breton sobre fronteiras e corporeidade cultural.

Investigações sobre a interseção entre práticas corporais e mudanças ambientais, por exemplo, poderiam oferecer novas visões sobre como as adaptações dos Yanomami respondem não apenas a influências culturais, mas também aos impactos ecológicos em suas terras. Outro caminho promissor seria explorar como os processos educacionais e de urbanização influenciam a transmissão de práticas corporais e identitárias entre as gerações Yanomami. Dessa forma, estudos subsequentes poderão contribuir para uma compreensão mais ampla das identidades indígenas, evidenciando como, em um mundo em constante transformação, o corpo e a cultura se mantêm como expressões de resistência, continuidade e criatividade cultural.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce. **Temps du sang, temps des cendres: représentation de la maladie, système rituel et espace politique chez les Yanomami du Sud-Est (Amazonas, Brésil)**. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1985.

ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (orgs.). **Pacificando o Branco: Cosmologias do Contato no Norte Amazônico**. São Paulo: UNESP, 2002.

BARTH, Fredrik. **Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference**. Oslo: Universitetsforlaget, 1969.

BUCHILLET, Dominique. **Medicina tradicional e representações de doenças entre os índios Desana do Alto Rio Negro**. São Paulo: Editora USP, 1995.

COSTA, Mauro Gomes da. **A Igreja católica no Brasil: as ações civilizatórias e de conversão ao catolicismo das Missões Salesianas junto aos povos indígenas do Alto Rio Negro/Amazonas (1960 -1980)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: 2012.

ERIKSEN, Thomas Hylland. **Ethnicity and Nationalism: Anthropological Perspectives**. 3. ed. Londres: Pluto Press, 2010.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. **O(s) Corpo(s) Kōkamōu: a performatividade do pajé-hekura Yanonami da região de Maturacá**. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira; Moboe'esara Esãia Tremembé. Os cantos da reahu: uma reflexão antropológica sobre os cantos Yanonami do rio Marauíá e rio Maturacá. USP: **GIS-Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia**, v. 8, n. 1, p.1-16, 2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LE BRETON, David. Antropologia do Corpo e Modernidade. Petrópolis: Vozes, 2011. LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Ensaio em Antropologia Histórica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **A Viagem de Volta: Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

SMILJANIC, Maria Inês. Os enviados de Dom Bosco entre os Masiripiwëiteri. O impacto missionário sobre o sistema social e cultural dos Yanomami ocidentais (Amazonas, Brasil). **Journal de la société des américanistes**, p. 137- 158, 2002. URL : <http://jsa.revues.org/2763>. DOI : 10.4000/jsa.2763

WELSCH, Wolfgang. “**Transculturalidty - the Puzzling Form of Cultures Today**” in *Spaces of Culture: City, Nation, World*. Ed. By Mike Featherstone and Scott Lash, London: Sage, 1999, 194-213

Agradecemos à Universidade Federal do Amazonas (UFAM), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).